

Os impactos éticos e sociais de sistemas baseados em Big Data

Sistemas que predizem nosso potencial como estudantes, trabalhadores, parceiros, criminosos, essa é a economia de Big Data e ela promete ganhos enormes. Análises de mercado calculam o investimento em inteligência artificial na casa dos bilhões de dólares e Ginni Rometty, CEO da IBM, aponta para um mercado de US\$ 2 trilhões já na próxima década.

Em parte por causa do entusiasmo na área, sistemas como os citados anteriormente já estão sendo usados, por médicos para auxiliar no diagnóstico, por escritórios de advocacia para aconselhar clientes sobre a probabilidade de ganhar uma ação e no mercado financeiro. Mas apesar de já fazerem parte de várias de nossas instituições, desde hospitais a tribunais, não existem métodos para avaliar os efeitos a longo prazo dessas aplicações na sociedade aonde elas estão inseridas.

Esses sistemas não vão ser necessariamente piores que humanos ao fazer tais predições, mas em alguns contextos seus pontos negativos afetam desproporcionalmente grupos que já estão em desvantagem, por fatores como raça, gênero e situação socioeconômica.

São muitos os perigos, e os danos, quando aplicações são criadas sem controle, de programas de predição de crimes, baseados em dados

históricos, que geram um policiamento excessivo de populações negras, soluções de publicidade que favorecem perfis masculinos em anúncios de emprego, a sistemas que associam a pontuação de crédito ao potencial de um empregado.

Como Kate Crawford põe em “*There is a blind spot in AI research*”, três abordagens se mostram dominantes para tentar responder as preocupações sociais e éticas gerados pelo Big Data, todos os três são propostas válidas, porém nenhum é individualmente suficiente, são eles:

Deploy and comply: O mais comum, empresas e pesquisadores tomam medidas para atender uma série de boas praticas e obrigações legais em uma autorregulação. O que se mostra muitas vezes um modelo reativo e inadequados caso os padrões não recebam vozes críticas.

Values in design: Empresas e pesquisadores se utilizam de técnicas para ajudá-los a entender quem são os seus stakeholders e as visões que este tem sobre privacidade, ética, entre outros. A visão dos usuários é então incorporada ao design da aplicação. Embora seja muito poderoso essa ferramenta é incapaz de determinar se a aplicação é confiável ou se deveria ser construída em primeiro lugar.

Thought experiments: Consiste em tentar prever situações éticas e morais que o sistema, a ser implementado, vai encontrar em seu escopo de atuação para poder prepará-lo para determinadas situações.

Crawford sugere a necessidade de uma quarta abordagem, chamada por ela de *social-system analysis*, mais ampla que aborda os possíveis efeitos de um sistema em todos os envolvidos além de avaliar os impactos sociais em todos os estágios da aplicação, de sua concepção à sua implantação. Social-system analysis também deve envolver cientistas sociais, juristas, economistas, engenheiros para alcançar seus objetivos.

Timnit Gebru também lembra da importância de diversidade entre os envolvidos na criação de tais sistemas, segundo ela “Nós definimos quais tipos de problemas queremos resolver como pesquisadores. Se não temos diversidade em nosso grupo de pesquisadores, corremos o risco de resolver um conjunto restrito de problemas que alguns grupos homogêneos de pessoas acham que são importantes, e não abordar os problemas enfrentados por muitos. pessoas no mundo.”.